Entre a realidade e a fantasia

O papel dos mitos infantis na formação do imaginário da criança

Luísa Valle, Marilia Gavillán e Sylvia Marques

A infância é um período da vida em que todos os seres humanos criam ou lidam com fantasias e personagens imaginários. Certos mitos, como o Papai Noel, o Coelhinho da Páscoa, a Fada do Dente e o Bicho Papão, fazem parte desta fase de formação da criança. Resta saber se eles realmente ocupam alguma função no desenvolvimento infantil e o porquê de suas origens. Estas histórias enriquecem o aprendizado infantil ou apenas criam uma decepção ao serem reveladas como meras fantasias?

Para o psiquiatra Manuel Arribas, as "pequenas mentiras" fazem parte do desenvolvimento da criança

Para o psiquiatra Manuel Arribas, formado em medicina pela Universidade Federal Fluminese (UFF) e em psicanálise pela Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro (SPRJ), as crianças estruturam seu mundo interior a partir das impressões advindas do ambiente externo e os pais ou responsáveis serão os tradutores desta realidade. Atualmente Arribas, que trabalha há 26 anos com crianças, participa do curso de extensão da UFF sobre ansiedade e depressão na infância e adolescência. "O brincar e a realidade irão se tornando complementares e elas imitarão os comportamentos dos adultos, descobrindo até onde podem ir. Acredito que é nessa cumplicidade e parceria que a criança e o adulto vão circular juntos nos dois mundos e aí entram as pequenas mentiras como Papai Noel, Bicho Papão, Saci, enfim todo o imaginário do faz-de-conta dos contos de fadas. É como se o adulto reconhecesse o mundo da criança não como um mundo inferior, mas como um mundo legítimo e importante onde ela pode assumir o comando", explica Arribas.

A descoberta da verdade em relação a estes mitos e o desenvolvimento infantil são processos paralelos. No momento em que a criança desvenda as fantasias, ela também está aprendendo a lidar com situações do mundo real. "Ela descobre que Papai Noel não existe ao mesmo tempo em que descobre que papai não sabe tudo, que mamãe não pode tudo", aponta Arribas.

Existem também casos de crianças que não estão preparadas para encarar a realidade e de outras que sim. Isso ocorre, segundo Arribas, de acordo com o estágio de desenvolvimento de cada uma. Aquela que vivencia uma boa relação de interação e resposta com os adultos terá uma noção melhor de realidade. A professora Ana Maria Flesch, hoje com 46 anos, descobriu que Papai Noel não existia por volta dos cinco. Segundo ela, esta experiência com o bom velhinho foi mais traumática do que natural. "Todos os natais na casa da minha avó paterna eram muito bonitos, porém eu sentia muito medo. Ao entrar na sala que ficava fechada até às 20 horas, eu ficava em pânico. O que mais me chamava atenção era uma grande janela aberta com uma cortina branca que voava com o vento e era por onde o Papai Noel havia saído, segundo eles. Eu não sei realmente do que é que eu sentia tanto medo. Só sei que tive que ser levada ao hospital para ser atendida. Então, minha mãe resolveu que era chegada a

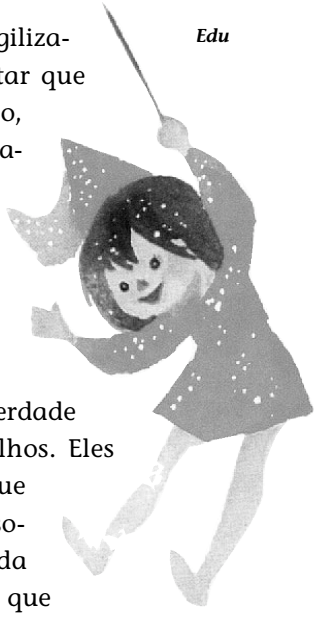
A pedagoga Claudia Pradel acredita que cada crescimento infantil deve ser comemorado

hora de me contar a história de São Nicolau e dizer que Papai Noel não existia. A crise foi maior ainda, pois comecei a chorar porque ele não existia e eu não podia me conformar", afirma.

Outro motivo pelo qual os mitos infantis são perpetuados, além de suas funções de aprendizado, é o rito de passagem. Ele que marca os momentos de mudanças no crescimento infantil. De acordo com a pedagoga Claudia Pradel, formada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e aluna de mestrado em Educação e Saúde da Universidade Plínio Leite (UNIPLI), "nos ritos de passagem da criança, o ideal é que exista uma comemoração para que ela encare isso como algo positivo. A Fada do Dente é um exemplo. A criança perde um dente, mas vai ganhar um dente novo e, além disso, um dinheiro, um presente. As comemorações ajudam a mostrar para as crianças que elas estão evoluindo", explica.

Ainda segundo Claudia, as fantasias infantis têm o poder de ampliar a capacidade criativa das crianças, que inventam hipóteses para cada personagem. "Quantas crianças não falam: e se a Branca de Neve não tivesse comido a maçã? Ela não teria ficado doente, ia brigar com a bruxa... as crianças chegam a essas conclusões sozinhas, mas a partir de um imaginário", ressalta a pedagoga.

As histórias infantis também podem servir como um cabresto usado pelos pais. É o caso do Bicho Papão, que tem suas variantes regionais e culturais como o Homem do Saco, que rapta crianças desobedientes, e o Bicho do Armário. Estes personagens foram criados com o objetivo de colocar medo nas crianças, fazendo com que elas obedeçam a certas ordens dos adultos. Neste tipo de situação, a fantasia pode se tornar um pesadelo para a criança. "Ela ficará fragilizada e sem condições de acreditar que pode ter o controle de algo, podendo resultar até em psicopatologias como fobias, ansiedades generalizadas, sentimentos de menos valia e insegurança, entre outras", acrescenta Arribas.



Edu

Por outro lado, alguns pais ou responsáveis vêem na verdade uma opção para criar seus filhos. Eles explicam para as crianças que Papai Noel é apenas um personagem, que o Coelhinho da Páscoa é uma figura folclórica, que a Fada do Dente não virá à noite para deixar um presente e que o Bicho Papão não fará mal algum à criança, pois ele também não existe. Esta foi a escolha de Andrea Reis, mãe de três filhas. Segundo ela, a criatividade das crianças não está presa à imposição de lendas e mitos de uma cultura. "Fico feliz por ter ensinado às minhas filhas a beleza e a experiência de saber que na Páscoa e no Natal comemoramos o nascimento, a morte e a ressurreição do Salvador. Isto não excluiu de nossas vidas os traços da nossa cultura que são inerentes a esta época: árvore de Natal com neve e tudo, Papai Noel pendurado na decoração, presentinhos e etc. Não estamos alienadas aos costumes de nossa cultura, mas acho preferível que as crianças vivam suas fantasias dentro de suas mentes naturalmente férteis, mas sabendo discernir entre o real e o lúdico, sem que tenham que descobrir a uma certa idade que viveram uma mentira", afirma Andrea.

> ***"...fantasias infantis têm o poder de ampliar a capacidade criativa das crianças, que inventam hipóteses para cada personagem"***
>
> *Claudia Pradel*

Para Fernanda Reis, filha de Andrea, hoje com 21 anos, a verdade contada por sua mãe não a fez diferente das outras crianças que acreditavam em tais mitos. Ela diz ainda que pretende criar seus filhos da mesma forma, sempre priorizando a verdade, mas sem deixar de estimulá-los a criar e brincar: "Me sentia mais esperta por saber a verdade e mais confiante na minha mãe que não mentia

para mim. Sabia que não era verdade, mas ainda assim essas datas eram especiais. Comemorava como qualquer criança normal. Essas são fantasias prontas, dadas. As crianças não têm o trabalho de imaginar. Não sentia falta de acreditar numa coisa que não era verdade, nem essencial para minha felicidade e imaginação".

O elo de ligação que une a criança e seus pais ou responsáveis precisa ser sempre valorizado. Tanto os que acreditam na importância dos mitos para a formação infantil, quanto os que preferem a verdade como caminho tomam suas decisões com o objetivo de priorizar e melhorar a relação entre o mundo dos adultos e o imaginário infantil. "Um vínculo afetivo positivo da criança com seus pais e responsáveis é o que lhe dará a condição de suportar cada vez mais as limitações que o real impõe a todos, sem se fragmentar, sem desistir, podendo encontrar saídas, mesmo que imaginárias, para sobreviver e realizar-se como uma pessoa saudável no sentido biológico, psíquico e social", complementa Arribas.

"Comemorava como qualquer criança normal. Essas são fantasias prontas, dadas. As crianças não têm o trabalho de imaginar."

Fernanda Reis

Papai Noel, a celebridade entre os mitos

A figura do Papai Noel e sua história são difundidas por quase todo o mundo. A lenda do bom velhinho teve início antes mesmo do nascimento de Cristo, há 300 anos a.C. A figura de Noel teve origem em um personagem real chamado Nicolau, hoje São Nicolau. Nascido em Myra, onde atualmente se localiza a Turquia, Nicolau se tornou bispo após a morte de seus pais.

Histórias contadas de pai para filho dizem que Nicolau ficou conhecido por sua generosidade. Segundo elas, o bispo deixava sacos com ouro nas chaminés ou os jogava pelas janelas das salas no Natal. Tais presentes caíam dentro das meias, que ficavam nas janelas para secar. Daí se origina o costume de colocar meias na lareira ou na janela para que Papai Noel deixe os presentes.

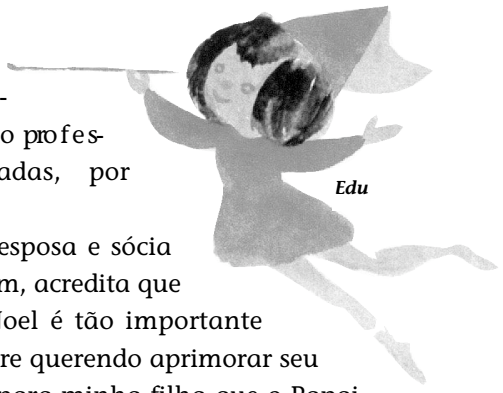
A figura conhecida de Noel, um senhor gordo, de barba branca e roupas vermelhas de inverno, surgiu no ano de 1822 com o poema de Clement C. Moore *A Visit from St. Nicholas*. O texto descreve o Papai Noel em um trenó, puxado por renas. A imagem do Papai Noel foi feita alguns anos depois, em 1866, pelo cartunista político Thomas Nast. O desenho foi publicado na revista Harper's Weekly. O Noel de Nast tinha as mesmas características do de Moore, mas fumava um comprido cachimbo.

No Brasil, a figura do bom velhinho é conhecida por todos e faz parte da decoração de Natal das casas, dos comércios e das ruas. O personagem também pode oferecer oportunidades de empregos. No Rio's Presidente Hotel, centro do Rio de Janeiro, por exemplo, existe uma escola especializada em formar Papais Noéis. Fundada em 1993 pelo ator e diretor Limachen Cherem, o curso já formou mais de 200 Noéis.

A escola abre suas inscrições todos os anos no mês de novembro para formar uma turma de 30 alunos. Os candidatos passam por uma pré-seleção, que avalia peso e altura, por exemplo. As aulas, que são gratuitas e acontecem uma vez por semana durante um mês, também são eliminatórias. O aluno que não se encaixar no perfil, abre a vaga para outro que está na lista de espera. Durante o curso, os participantes têm aulas de interpretação, dicção, improvisação, postura, fi-

gurino e trabalho de grupo. De acordo com Cherem, não basta ser gordinho para encarnar o personagem. “Em primeiro lugar tem que gostar de crianças, não fumar, beber e outros vícios”, explica.

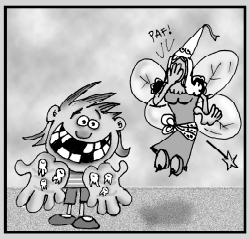
Alguns alunos se inscrevem no curso para aprimorar uma função que já realizavam. Diferente dos que visam um emprego, estas pessoas trabalham com orfanatos e instituições. Os que buscam um serviço têm oportunidades, por exemplo, em *shoppings*, lojas, entidades, colégios e creches. Em 2005, a escola abriu ainda inscrições para Noeletes, as ajudantes de Papais Noéis. O perfil das candidatas é de jovens entre 18 e 21 anos que gostem e tenham paciência com crianças e idosos, como professoras recém-formadas, por exemplo.


Edu

Fátima Cherem, esposa e sócia de Limachen Cherem, acredita que o mito do Papai Noel é tão importante que eles estão sempre querendo aprimorar seu trabalho. “Eu digo para minha filha que o Papai Noel tem ajudantes. Na cabeça dela, isso é uma missão. A gente faz este trabalho para alegrar as crianças, é uma preocupação com o outro”, afirma Fátima.

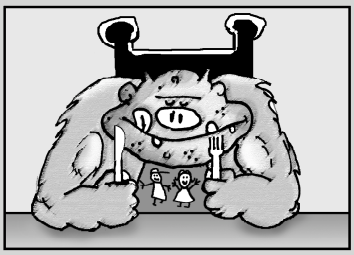
Curiosidade: entenda algumas histórias

Fada do Dente



A lenda da Fada do Dente é uma história da cultura americana. A pequenina fada aparece quando uma criança perde seu dente. O objetivo é que a criança coloque o dente embaixo do travesseiro para que a fada o troque por um presente ou por dinheiro. Os pais, que deixam mimos ou dinheiro para seus filhos, utilizam esta história para encorajar seus filhos a passar por esta fase da infância.

Bicho Papão



A figura do Bicho Papão está presente na maioria das culturas. Com formas diferenciadas, este personagem é mau e serve para punir as crianças desobedientes. Este mecanismo é utilizado por pais e responsáveis para fazer com que as crianças obedeçam suas regras. No Brasil, existem desdobramentos deste personagem como o Homem do Saco e o Monstro do Armário.

Na época das Cruzadas, a população mulçumana da Terra Santa personificou o Bicho Papão na figura do Rei Coração de Leão. De acordo com tal cultura, os pais diziam aos seus filhos “porta-te bem senão o Melek-Ric vem buscar-te”. Nos Países Baixos, por exemplo, o Bicho Papão é chamado de “Zwart Piet” (Pedro negro). Este personagem recolhe as crianças desobedientes para jogá-las ao Mar Negro ou enviá-las para a Espanha. Em Luxemburgo, o “Housecker” leva em seu saco varas de madeira que eram utilizadas para castigar crianças malvadas. Atualmente, a história do “Housecker” é contada de uma outra forma, sem a punição física. Ele apenas distribui as varas para crianças e adultos que as merecem.

Com algumas variações, estes personagens têm o mesmo significado de punição. Por exemplo, o Bicho Papão come as crianças, o Homem do Saco as rapta e o Melek-Ric levaria os pequeninos desobedientes para serem escravos.

Coelhinho da Páscoa

A Páscoa, assim como o Natal, marca uma data religiosa que comemora a Ressurreição de Cristo. Para este dia também foi criado um personagem infantil, o Coelhinho da Páscoa. Originalmente, o coelho foi escolhido como figura de fertilidade, que mostra bem a idéia de renascimento e ressurreição, e os ovos pintados com cores fortes e reluzentes que representavam a luz solar.

A figura infantil do Coelhinho da Páscoa nasceu por um desejo de protestantes alemães em manter o hábito de comer ovos coloridos na Páscoa. Eles não queriam que suas crianças fossem obrigadas a participar do jejum comum a esta data, na qual os mais religiosos deviam jejuar ou fazer uma alimentação especial durante 40 dias, o que simbolizaria o sofrimento de Jesus. Sendo assim, as crianças deveriam se comportar para ganhar os ovos, conhecidos como Oschter-Haws. Os ovos de chocolate surgiram mais tarde durante o século XIX, também na Alemanha.